

Os Professores e a Revolução Informática

João Pedro Ponte, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

No seu recente livro sobre Tecnologias da Informação, Helder Coelho indica dois grupos de pessoas e actividades que, na sua opinião, terão sorte radicalmente oposta devido à revolução informática. No grupo dos que verão aumentado o seu prestígio e a sua importância social contam-se os projectistas, os deficientes físicos, as mulheres domésticas e, naturalmente, os informáticos. No grupo dos «grandes derrotados», Helder Coelho situa os carteiros, os bibliotecários, os trabalhadores sem qualificação, os intermediários, e... os professores.

De facto, existem já hoje planos muito concretos para dismantlar o ensino nocturno e transformá-lo em algo semelhante ao Propedêutico: um ensino à distância, baseado na televisão, com Centros de Apoio Distritais.

Este tipo de ensino mobilizará recursos tecnológicos muito mais sofisticados que o ensino actual, envolvendo muito menos professores e pessoal de apoio. Será por isso muito mais «rentável» e possivelmente mesmo mais eficiente.

A Escola tem manifestado grande incapacidade de se aperceber do ritmo acelerado das mudanças sociais e tecnológicas que se têm processado à sua volta. Os professores surgem aos olhos da opinião pública como um grupo social fortemente agarrado a práticas tradicionais, fechado sobre si próprio, temeroso da mudança, e, eventualmente, sem futuro.

Na verdade, muitos currículos escolares estão profundamente desadaptados das realidades actuais. Continua-se a privilegiar a aquisição simples de conhecimentos factuais, abstractos e desfasados das necessidades e interesses dos alunos. Negligencia-se o saber fazer, o saber aprender, o saber enfrentar de forma positiva os problemas que a realidade constantemente nos coloca. O professor desempenha assim o papel de transmissor dum saber já constituído, perfeitamente delimitado nos programas e livros de texto, onde não há nada para descobrir, não há aventura, nem imprevisto, nem novidade.

Nessas funções de armazenamento e transmissão de saberes formais, fortemente rotinizadas, o computador pode desempenhar um papel precioso e mesmo substituir com vantagem, pelo menos em certos aspectos, o professor tradicional. É o mínimo que se pode esperar das poderosas máquinas que estão a ser desenvolvidas pelos cientistas que trabalham em Inteligência Artificial, como Helder Coelho. Nos seus modelos protótipos elas são já capazes de resolver complexíssimos problemas de diagnóstico médico, de microbiologia molecular, ou de prospecção geológica.

No entanto, as necessidades mais vitais da educação dos jovens de hoje tem já pouco a ver com o saber de

tipo formal, baseado na memorização, característico do nosso sistema educativo actual. Um mundo em mudança complexa coloca como desafio a necessidade de desenvolver capacidades cognitivas mais elevadas, implicando a procura e selecção de informação relevante para a resolução dos nossos problemas, o seu tratamento e análise crítica, a sua utilização consciente e a avaliação dos respectivos resultados. Para isso é necessário que a escola saiba contribuir igualmente para o desenvolvimento social e emocional dos jovens, tornando-os independentes, confiantes nas suas próprias capacidades, e habituados à cooperação e ao trabalho de grupo.

A um saber cristalizado, rotineiro e formal é preciso contrapor um saber evolutivo, dinâmico, desenvolvido em conjunto e em colaboração pelos professores e pelos alunos.

Para que a escola possa contribuir para desenvolver nos alunos tais capacidades e atitudes é necessário que os professores constituam eles próprios um modelo vivo dessas qualidades. É indispensável que os professores tenham uma atitude de abertura à mudança, um gosto pela aprendizagem permanente, por fazer coisas novas, por melhorar incessantemente, um espírito de descoberta em comum com os alunos. Um bom terreno para desenvolver esse espírito é o trabalho com os alunos em Clubes ou Núcleos de Informática, por exemplo em projectos de programação em LOGO.

As grandes resistências que tantos professores manifestam em relação ao computador não terão muito a ver com a falta de disponibilidade para aprender coisas novas, para repensar as práticas pedagógicas, para estabelecer uma relação diferente com os alunos, para assumir uma atitude verdadeiramente positiva perante o processo educativo?

A tecnologia e o computador podem certamente competir com o professor no sistema de ensino tradicional, baseado na transmissão de um saber já feito. Mas é muito duvidoso que possam ser encarados como substitutos do professor num processo mais global de educação, em que se visem objectivos cognitivos de ordem mais elevada, e objectivos sociais e afectivos mais ambiciosos.

O computador e a tecnologia não devem ser vistos em oposição ao homem, mas em interligação. O declínio das actividades ligadas ao ensino tradicional é irreversível. Mas seria errado deduzir daí que a educação é uma área profissional sem futuro. Pelo contrário, o professor verá modificar-se o seu papel e desenvolverá novas competências. O futuro da educação pertencerá a toda uma gama de novas profissões, simultaneamente mais generalistas e mais especializadas, cada vez mais exigentes, criativas, e compensadoras.